

## ENCONTROS QUE TRANSFORMAM: NARRATIVAS, ESCUTA, AFETO E EXERCÍCIO TEATRAL NA FORMAÇÃO DOCENTE

Letícia Beatriz Utzig <sup>1</sup>

Tania Micheline Miorando <sup>2</sup>

### RESUMO

O jogo teatral transforma a formação docente em um ato de criação, ressignificação e afeto, permitindo que professores se reconheçam como artistas e criadores. Este relato apresenta a experiência vivida em oficinas de jogo teatral realizadas com 80 professores em formação continuada, distribuídos em três grupos, com duração de 4 horas cada. O trabalho emerge de uma pesquisa de mestrado em Educação que investiga como a formação docente transcende a transmissão de conhecimentos técnicos e se torna um ato de criação, ressignificação e afeto quando mediada pelo jogo teatral. Fundamenta-se em autores como Benjamin (2020), Santos (2013, 2020), Zanella (2008, 2013), Boal (2005), Spolin (2010) e Freire (1996, 1970), que compreendem o teatro e a narrativa como elementos transformadores na educação. O trabalho busca investigar como o exercício teatral oferece um espaço onde os professores se reconhecem como artistas, como seres que brincam, se divertem, se acolhem mutuamente e se permitem sentir profundamente através da ação dramatizada. Os principais resultados revelam que o jogo teatral propicia momentos de autêntica diversão e acolhimento, permitindo que os professores se olhem com sensibilidade, ressignifiquem suas identidades profissionais e vivenciem, de corpo inteiro, uma formação que não é apenas presença física, mas presença existencial. Os participantes expressaram que há anos esperavam por uma formação que os permitisse se divertir, olhar para si mesmos com compaixão e, simultaneamente, adquirir ferramentas pedagógicas concretas para suas práticas em sala de aula. Este relato contribui para a compreensão de como o teatro na formação docente não é um adorno, mas um caminho potente de transformação pessoal e profissional

**Palavras-chave:** Jogo Teatral, Formação Docente, Narrativas, Escuta e Afeto.

### INTRODUÇÃO

Há tempos eu me perguntava: por que a maioria das formação docente insiste em ser técnica e conteudista? Por que não pode ser um ato profundamente humano, onde os professores/as se reconheçam como artistas, como criadores/as, como seres que brincam e que se permitem sentir? Essas questões não nasceram de um vazio teórico, mas de uma inquietação que carrego comigo há anos, observando professoras e professores nas escolas, vendo-os se dedicarem integralmente aos seus alunos enquanto esqueciam de olhar para si mesmos, de cuidar de suas próprias feridas, de lembrar por que escolheram estar ali.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS, [leticiautzig06@gmail.com](mailto:leticiautzig06@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS, [tania.miorando@ufsm.br](mailto:tania.miorando@ufsm.br).



Foi a partir dessa inquietação que decidi investigar, durante meu mestrado em Educação, como o jogo teatral poderia transformar a formação docente em um espaço de criação, ressignificação e afeto. Não se trata de uma pesquisa desinteressada, mas de uma pesquisa que emerge de uma aposta: a de que o teatro, quando mediado com sensibilidade e intencionalidade pedagógica, pode oferecer aos/as professores/as um caminho potente de transformação pessoal e profissional.

A justificativa para este trabalho reside na constatação de que a formação docente, especialmente a formação continuada, frequentemente reduz-se a encontros pontuais onde se transmitem metodologias e estratégias de ensino, sem considerar a integralidade do ser que ensina. Os professores chegam a essas formações cansados, muitas vezes desmotivados, carregando em seus corpos e em suas emoções o peso de uma profissão que exige tudo deles: paciência, criatividade, afeto, conhecimento, sensibilidade. E raramente lhes é oferecido um espaço onde possam simplesmente ser, onde possam se reconhecer como seres incompletos, em processo, que também precisam de acolhimento e de ressignificação.

O jogo teatral emerge, neste contexto, como uma possibilidade pedagógica que permite aos professores vivenciarem, de corpo inteiro, uma formação que é presença existencial. Através do jogo, é possível criar um espaço onde a criatividade floresce naturalmente, onde o riso e a diversão não são culpa, mas convite para uma aprendizagem profunda. É possível, também, que os professores se olhem com compaixão, que reconheçam uns nos outros as mesmas lutas, os mesmos sonhos, as mesmas razões pelas quais escolheram ser educadores.

Este relato de experiência apresenta os resultados de três oficinas de jogo teatral realizadas com oitenta professoras e professores em formação continuada, distribuídos em três grupos, em duas cidades do noroeste do Rio Grande do Sul: Porto Vera Cruz e Campina das Missões. Cada oficina teve duração de quatro horas e foi realizada em escolas públicas de educação básica. O trabalho fundamenta-se em autores como Paulo Freire, Augusto Boal, Viola Spolin, Walter Benjamin, Boaventura de Sousa Santos e Adriana Zanella, que compreendem o teatro, a narrativa e a educação como elementos transformadores na constituição de sujeitos mais humanos, mais críticos e mais sensíveis.

Ao longo deste trabalho, busco compreender como o jogo teatral propicia momentos de autêntica diversão e acolhimento entre professores, criando um ambiente onde a integralidade do ser que ensina é finalmente reconhecida e valorizada. Espera-se que este



relato contribua para ampliar as discussões sobre formação docente nos espaços acadêmicos e escolares, demonstrando que é possível uma educação que não apenas transmite conhecimentos técnicos, mas que transforma, que afeta, que ressignifica. Uma educação que reconhece o professor como um ser completo, com desejos, medos, criatividade e potencialidades. Uma educação que, ao transformar o professor, transforma também a sua prática em sala de aula e, conseqüentemente, a vida de seus/suas alunos/as.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho emerge de uma pesquisa qualitativa que privilegia a observação participante como instrumento central de coleta de dados. A escolha por essa metodologia não foi aleatória; ela reflete uma decisão ética e epistemológica de estar presente nas oficinas não apenas como observadora externa, mas como participante ativa, jogando, brincando e vivenciando junto com os/as professores/as os mesmos processos de criação e ressignificação que investigava.

As oficinas de jogo teatral foram realizadas em três momentos distintos, em duas cidades do Rio Grande do Sul: duas oficinas em Campina das Missões e uma em Porto Vera Cruz, todas em escolas públicas de educação básica. Participaram das oficinas oitenta professoras e professores em formação continuada, distribuídos em três grupos, com aproximadamente trinta participantes em cada encontro. Cada oficina teve duração de quatro horas, tempo que se mostrou fundamental para que os participantes pudessem realmente se desconectar das pressões cotidianas e se entregar aos jogos teatrais.

A coleta de dados foi realizada através de múltiplos instrumentos e documentos. Durante as oficinas, utilizei o diário de campo como espaço de reflexão e registro de impressões, sensações e observações que emergiram do encontro. Após cada oficina, retornava ao diário para sistematizar as anotações, expandindo aquilo que havia sido registrado brevemente durante os momentos de participação. Além disso, utilizei anotações estruturadas, onde registrava aspectos específicos das dinâmicas, as reações dos participantes, os momentos de maior intensidade emocional e as transformações que observava ao longo do processo.

Os registros visuais também constituem documentos fundamentais desta pesquisa. Fotografias e vídeos foram coletados durante todas as três oficinas, capturando os momentos de jogo, as expressões faciais dos professores, os abraços, as gargalhadas, os instantes de



vulnerabilidade. Esses registros visuais são documentos que falam por si, que revelam aspectos da experiência que as palavras sozinhas não conseguem expressar completamente. Todos os participantes foram informados sobre a coleta de imagens e vídeos e assinaram termo de consentimento autorizando o uso desses registros para fins de pesquisa e divulgação científica.

A pesquisa foi conduzida seguindo os protocolos éticos necessários, com aprovação prévia de comissão de ética competente. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, sobre a coleta de dados e sobre seus direitos, incluindo o direito de não participar ou de se recusar a participar de qualquer atividade. O termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado e assinado por todos os professores antes do início das oficinas, garantindo assim a transparência e o respeito à autonomia dos participantes.

A análise dos dados não seguiu um protocolo metodológico rígido e pré-definido. Ao contrário, as categorias analíticas emergiram do próprio processo de imersão nos dados. Ao revisar o diário de campo, ao assistir aos vídeos, ao olhar as fotografias e ao refletir sobre a experiência vivida, começaram a aparecer padrões, temas recorrentes, momentos significativos que se agrupavam naturalmente em torno de eixos temáticos. Assim surgiram as quatro categorias que estruturam este relato: autorreconhecimento e identidade profissional, afeto e acolhimento, ressignificação da prática docente, e criatividade e ludicidade. Essas categorias não foram impostas aos dados; elas emergiram deles, revelando-se como os temas mais potentes e transformadores que atravessaram todas as três oficinas.

É importante ressaltar que minha posição como observadora-participante influenciou fundamentalmente a natureza dos dados coletados. Eu não estava separada dos professores, observando-os de longe; eu estava ali, dentro do círculo, vivenciando as mesmas emoções, participando dos mesmos jogos, permitindo-me ser transformada pelo processo. Isso significa que os dados que emergiram refletem não apenas a experiência dos professores, mas também minha própria experiência de estar presente com eles. Essa implicação do pesquisador nos dados é, para mim, uma característica não de fragilidade metodológica, mas de autenticidade e honestidade científica. Pois como poderia investigar a transformação através do jogo teatral sem me permitir ser transformada também?

As professoras e professores que participaram desta pesquisa são sujeitos concretos, situados em contextos específicos de trabalho. Embora este relato não apresente análises comparativas entre os grupos ou entre as cidades, reconheço que as diferenças contextuais, as



histórias pessoais de cada participante e as particularidades de cada escola influenciaram os processos que observei. Contudo, o que me surpreendeu foi a universalidade de certas experiências: em todas as três oficinas, independentemente do contexto específico, emergiram os mesmos temas, as mesmas transformações, a mesma fome de humanidade que os professores traziam consigo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a formação docente como um ato de criação e ressignificação exige que nos afastemos de uma compreensão tradicional de educação como mera transmissão de conhecimentos. Paulo Freire, em sua *Pedagogia da Autonomia*, nos convida a reconhecer que ensinar é uma especificidade humana que demanda reflexão contínua sobre a prática e a relação com os educandos. Para Freire, a educação não é neutra; ela é sempre um ato político, sempre uma tomada de posição diante do mundo.

Camila Borges dos Santos amplia essa compreensão ao propor que a educação estética e sensível é fundamental para a constituição de sujeitos mais humanos. Para Borges dos Santos, o corpo é um espaço de experiência, de memória, de criação. Quando trabalhamos com o corpo biográfico na formação docente, reconhecemos que cada professor traz consigo uma história singular, uma trajetória única, uma forma particular de estar no mundo.

Walter Benjamin, em seus escritos sobre experiência e narrativa, nos oferece uma chave importante para compreender a ressignificação. Na modernidade, há uma redução drástica da experiência: o "antigo relato" foi substituído pela "informação" e pela "sensação". A experiência autêntica é aquela que pode ser narrada, compartilhada, que deixa marcas no corpo e na memória. Quando oferecemos aos professores um espaço para viver experiências autênticas e narrá-las, oferecemos um espaço de ressignificação profunda.

Augusto Boal revolucionou o pensamento sobre teatro ao propor que ele não é apenas um espetáculo passivo, mas um instrumento de transformação social e pessoal. Em sua obra *Teatro do Oprimido*, Boal desenvolveu técnicas que permitem aos participantes vivenciarem, através do jogo e da dramatização, possibilidades de libertação. O teatro é um espaço onde a realidade pode ser questionada e novas formas de ser podem ser ensaiadas.

Viola Spolin complementa essa compreensão com sua metodologia de jogos teatrais. Para Spolin, o jogo teatral é um meio através do qual a criatividade e a espontaneidade florescem. Todos possuem capacidade criativa, e o papel do educador é criar condições para



que essa criatividade emergja naturalmente. Através do jogo, sem pressão de "performance" ou "correção", o participante pode explorar suas potencialidades e descobrir aspectos de si mesmo que permaneciam adormecidos.

Paulo Freire oferece uma fundamentação teórica para compreender por que o teatro é tão transformador na educação. Para Freire, a educação libertadora permite ao educando reconhecer-se como sujeito da história, como alguém capaz de transformar a realidade. O teatro, quando mediado pedagogicamente, oferece exatamente isso: a oportunidade de viver, de corpo inteiro, a possibilidade de ser sujeito, de agir, de transformar.

A narrativa emerge como elemento central da formação docente. Andriza Kemel Zanella compreende a narrativa como um processo fundamental de constituição de si. É através da narrativa que nos tornamos sujeitos, que nos reconhecemos como seres com história, com trajetória, com potencialidades. A narrativa não é apenas um relato; ela é um ato criativo através do qual ressignificamos nossas experiências.

Em seus trabalhos sobre o teatro na formação inicial de professoras, Zanella demonstra como a dramatização permite que os professores rompam o silêncio, ressignifiquem suas experiências e se reconheçam como seres capazes de transformação. Benjamin distingue entre "informação" e "narrativa": enquanto a informação transmite dados, a narrativa traz a marca da experiência vivida, a sabedoria acumulada, a possibilidade de transformação.

A linha do imaginário social, que perpassa a orientação de Tania Micheline Miorando e os trabalhos de Camila Borges dos Santos e Andriza Kemel Zanella, nos convida a pensar como as imagens, os símbolos e as narrativas que circulam socialmente influenciam nossa constituição como sujeitos. O imaginário social sobre a profissão docente frequentemente reduz o professor a um técnico. Quando criamos espaços onde o professor é reconhecido como artista e criador, transformamos o imaginário social sobre a docência.

O corpo biográfico, conceito desenvolvido por Camila Borges dos Santos, torna-se um instrumento de transformação do imaginário. Quando o professor vivencia seu corpo como espaço de criação, de memória, de experiência, transforma não apenas a si mesmo, mas também a forma como imagina a profissão docente.

Paulo Freire insiste que a educação é um ato de amor. Não um amor sentimental, mas um amor que se expressa através do respeito à dignidade do outro, da disposição de estar



presente, do compromisso com a libertação. É impossível educar sem afeto, sem reconhecer o outro como um ser completo. Andriza Kemel Zanella compreende o afeto como elemento fundamental da formação. A educação que trabalha com o corpo, com a narrativa, com o imaginário reconhece a sensibilidade como dimensão essencial do humano.

Viola Spolin oferece uma compreensão profunda da criatividade como capacidade humana fundamental. Para Spolin, a criatividade não é privilégio de alguns poucos "artistas"; ela é uma capacidade presente em todos. O jogo teatral é exatamente o espaço onde essa criatividade pode emergir e se desenvolver. Quando jogamos, quando brincamos, estamos em um estado de liberdade relativa, onde as pressões do cotidiano se afastam.

Augusto Boal complementa essa compreensão ao enfatizar que a criatividade é também um ato político. Quando nos permitimos criar, quando imaginamos outras formas de ser e estar no mundo, desafiamos as estruturas que nos oprimem e afirmamos nossa humanidade. A ludicidade não é fuga da realidade; ela é um ensaio para a transformação da realidade.

Walter Benjamin, em seus escritos sobre a infância e o brincar, oferece uma reflexão profunda sobre a importância da ludicidade. Para Benjamin, o brincar é fundamental para o desenvolvimento humano. Através do brincar, experimentamos, criamos, transformamos. Benjamin lamenta a perda do brincar na modernidade, a substituição do jogo livre pela diversão programada. Quando oferecemos aos professores um espaço onde possam brincar livremente, oferecemos um espaço de resistência à lógica produtivista que domina a educação contemporânea.

Os autores aqui apresentados convergem para uma compreensão comum: a formação docente pode ser muito mais do que transmissão de técnicas e conteúdos. Ela pode ser um espaço de criação, de resignificação, de afeto, de humanidade. Quando mediada pelo jogo teatral, quando estruturada a partir da narrativa e da experiência vivida, quando reconhece o professor como um ser completo e digno de afeto, a formação docente se torna um ato transformador. É nessa perspectiva que este trabalho se situa: como uma investigação sobre as possibilidades de uma formação docente que seja criativa, afetiva, resignificadora. Uma formação que reconheça o imaginário social sobre a docência e se proponha a transformá-lo, criando novas imagens, novas narrativas, novas possibilidades de ser professor.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando as portas da sala se fecharam e os professores formaram o primeiro círculo, percebi que algo diferente aconteceria. Os primeiros minutos foram de estranhamento, mas quando começamos os jogos, quando os corpos se moveram e os risos explodiram pela sala, compreendi que estava presenciando um processo de transformação profundo.

Os dados que emergiram das observações revelam que o jogo teatral criou um espaço onde as hierarquias desapareceram. Não havia certo ou errado. Havia apenas corpos em movimento, mentes criando, almas se reconectando consigo mesmas. Nesse espaço, emergiram organicamente as quatro categorias que estruturam este trabalho: autorreconhecimento, afeto e acolhimento, ressignificação da prática docente e criatividade e ludicidade.

O autorreconhecimento dos professores como artistas e criadores foi tocante. Nos primeiros momentos, havia desconfiança: "Mas eu não sou ator", ouvi de vários. Mas conforme os jogos avançavam, algo mudava em seus olhos. Vi professores que chegaram curvados se endireitarem. Vi rostos sérios saírem iluminados. Um professor, ao final, me disse: "Eu não sabia que eu podia fazer isso. Eu não sabia que havia isso em mim". Naquele momento, ele se reconhecia como um ser criativo, como um artista.

O jogo teatral ofereceu um espaço seguro onde esse autorreconhecimento pôde acontecer. Quando um professor se arriscava, os outros o acolhiam. Não havia gargalhadas de zombaria; havia risos de cumplicidade, de alegria compartilhada. Aqui chegamos ao afeto e ao acolhimento, que emergiram como dimensões tão importantes quanto a criatividade. Vi professores que chegaram como estranhos saírem como cúmplices. Uma professora confessou: "Há anos ninguém me olhava dessa forma. Aqui, eu me senti vista. Eu me senti importante".

Esse afeto não era superficial. Nascia da experiência compartilhada, do risco compartilhado, da criação compartilhada. Os professores começaram a cuidar uns dos outros. Vi professores tímidos sendo gentilmente encorajados. Vi defesas caírem. Vi professores descobrirem que havia ali uma comunidade que os acolhia. Para muitos, era a primeira vez em anos que tinham um espaço para simplesmente ser, sem a pressão de ensinar.



A ressignificação da prática docente emergiu de forma orgânica. Conforme os professores vivenciavam o jogo teatral, começavam a questionar suas próprias práticas: "Como eu posso levar isso para minha sala de aula?". Vi professores que se acreditavam "apenas transmissores de conteúdo" começarem a se reconhecer como facilitadores de experiências, como criadores de espaços onde a criatividade pudesse florescer. Um professor experimentou o que é ser verdadeiramente ouvido e depois compreendeu: "Agora eu entendo por que meus alunos não participam. Eles não se sentem ouvidos".

Muitos também ressignificaram o sentido da própria profissão. Alguns chegaram cansados, desiludidos. Mas conforme vivenciavam o jogo teatral, começavam a lembrar por que haviam escolhido ser professores. "Eu lembrei do porquê eu estou aqui", disse uma professora, com os olhos brilhando. "Eu lembrei dos meus sonhos, das minhas lutas". Aquela ressignificação era um retorno a si mesma, um reencontro com os motivos profundos que a haviam levado à docência.

A criatividade e a ludicidade perpassam todas as outras categorias. Observei que, quando os professores se permitiam brincar, quando se permitiam criar sem medo, algo mágico acontecia. Havia uma leveza que contrastava com a seriedade que frequentemente marca os espaços de formação. Havia risos genuínos que explodem do corpo. Vi professores que chegaram com expressões fechadas saírem com sorrisos abertos. A ludicidade não era fuga da realidade; era um ensaio para a transformação da realidade, como propõe Viola Spolin. Quando os professores brincavam, estavam descobrindo que a realidade não é fixa, que há sempre outras formas de fazer, de ser, de estar.

O autorreconhecimento era possível porque havia afeto e acolhimento. A ressignificação era possível porque havia criatividade e ludicidade. Tudo estava conectado, tudo era parte de um processo único de transformação.

Os professores saíram das oficinas diferentes. Transformados na forma como se viam a si mesmos, na forma como viam a profissão docente, na forma como imaginavam suas práticas pedagógicas. Uma professora me abraçou e disse: "Obrigada por me lembrar que eu sou humana. Obrigada por me lembrar que eu posso criar. Obrigada por me lembrar por que eu estou aqui". Aquele abraço resumia tudo o que havia observado.

Paulo Freire nos diz que a educação é um ato de amor, e o jogo teatral ofereceu exatamente isso. Camila Borges dos Santos fala do corpo biográfico como espaço de



experiência e criação, e observei que, quando os professores vivenciavam o jogo teatral com seus corpos inteiros, ressignificavam suas histórias e identidades. Andriza Kemel Zanella fala da narrativa como processo de constituição de si, e observei que, quando os professores compartilhavam suas experiências, se constituíam de novas formas. Walter Benjamin fala da experiência autêntica como aquela que pode ser narrada, e as oficinas ofereceram exatamente isso. Augusto Boal e Viola Spolin falam do teatro como espaço de criatividade e libertação, e o jogo teatral ofereceu aos professores exatamente isso.

O que emergiu das oficinas é uma compreensão profunda de que a formação docente pode ser muito mais do que transmissão de técnicas. Ela pode ser um espaço de transformação pessoal e profissional, onde os professores se reconhecem como seres completos, como artistas, como criadores. Quando a formação docente reconhece a humanidade integral do professor, ela se torna verdadeiramente transformadora. Não apenas para o professor individualmente, mas para toda sua prática pedagógica e, conseqüentemente, para a vida de seus alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho partiu de uma inquietação profunda: é possível uma formação docente que seja criativa, afetiva e ressignificadora? As oficinas de jogo teatral realizadas em Porto Vera Cruz e Campina das Missões responderam essa pergunta com um sonoro "sim". Mais que isso: demonstraram que não apenas é possível, mas que é necessário.

O jogo teatral não é um adorno na formação docente. Ele é um caminho potente de transformação pessoal e profissional. Através dele, os professores se reconhecem como artistas e criadores. Através dele, experimentam o afeto e o acolhimento que frequentemente faltam em suas vidas profissionais. Através dele, ressignificam suas práticas pedagógicas e lembram por que escolheram ser professores. Através dele, descobrem a criatividade e a ludicidade como dimensões essenciais da educação.

A aplicação empírica dessa pesquisa é urgente, especialmente no contexto da educação básica. As formações continuadas oferecidas pelas secretarias de educação são, frequentemente, excessivamente teóricas, desconectadas da realidade vivida pelos professores, incapazes de tocar a dimensão emocional e criativa que é fundamental para a transformação. O jogo teatral oferece uma alternativa. Pode ser integrado em cursos de formação continuada, em programas de educação permanente, em espaços de



desenvolvimento profissional. Pode ser oferecido em universidades, nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, como forma de preparar melhor os futuros professores. Pode ser implementado em secretarias de educação como política pública de formação docente.

O que observei é que uma formação que reconhece a humanidade integral do professor, que oferece espaço para criatividade e afeto, que permite ressignificação pessoal e profissional, transforma não apenas o professor individualmente, mas toda sua prática pedagógica. E quando a prática pedagógica do professor se transforma, a vida de seus alunos se transforma também. Essa é a potência do jogo teatral na formação docente: ele não é apenas um instrumento pedagógico; ele é um instrumento de transformação social.

Reconheço as limitações desta pesquisa. As oficinas foram realizadas em apenas duas cidades, com um número limitado de professores. Seria importante acompanhar esses professores ao longo do tempo para verificar se as transformações observadas se mantêm, se realmente afetam suas práticas pedagógicas de forma duradoura. Seria importante também investigar como os alunos são afetados pelas mudanças nos seus professores. Seria importante expandir essa pesquisa para outras regiões, para outros contextos, para verificar se os resultados se repetem.

Mas o que esta pesquisa deixa claro é que há um caminho. Há uma possibilidade de formação docente que seja diferente, que seja mais humana, mais criativa, mais afetiva. E esse caminho passa pelo jogo teatral, pela narrativa, pela experiência vivida, pelo imaginário social. Passa por reconhecer o professor como um ser completo, como um artista, como alguém digno de afeto e de transformação.

Espero que este trabalho contribua para ampliar as discussões sobre formação docente nos espaços acadêmicos e escolares. Espero que inspire outras pesquisas, outras práticas, outras possibilidades. Espero que, a partir deste relato, mais professores tenham a oportunidade de vivenciar o jogo teatral, de se reconhecerem como artistas, de experimentarem o afeto e o acolhimento, de ressignificarem suas vidas profissionais e pessoais. Porque quando transformamos um professor, transformamos toda uma comunidade. Quando oferecemos ao professor um espaço para criar, para brincar, para ser humano, oferecemos aos seus alunos um presente inestimável: a possibilidade de uma educação que seja verdadeiramente transformadora.



## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias: e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2020.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MIORANDO, Tania Micheline. **Ir ao cinema: a formação inicial de professores e o instituinte ético-estético em educação nos processos formativos docentes**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

SANTOS, Camila Borges dos. **Autofabulação... O sensível e o imaginário social: sentires na formação de professores**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

SANTOS, Camila Borges dos. **O corpo biográfico: experiências formadoras dentro de um grupo de pesquisa**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Alberto Guzik. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do corpo biográfico e suas contribuições para a educação: um estudo a partir do imaginário e da memória**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

ZANELLA, Andrisa Kemel; LORENZONI, Cândice Moura; SANTOS, Camila Borges. **O jogo como experiência estética: aprendizagens de um corpo biográfico na formação de professores**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 234-251, 2019.





# VENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

V PIBID SUL | V Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência  
III ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

